

**A CALLAS
em Lisboa**

O SECULO

ILUSTRADO

ANO XXI • N. 1056 • 29 DE MARÇO DE 1958 • SAI TODOS OS SABADOS • PREÇO 2\$50

CALLAS TAMBÉM SABE SORRIR



Maria Callas é uma mulher estranha, quase misteriosa. Afirma-se que o regime a que se submete para poder continuar como diva da ópera, contribuiu extraordinariamente para as explosões temperamentais, por vezes tempestuosas. Na realidade, a cantora com um severo sistema alimentar conseguiu emagrecer 44 quilos. Vê-mo-la antes e depois do tratamento a que se submeteu com tão notáveis resultados para a sua estética



MARIA CALLAS

«A NOITE MAIS TRISTE DA MINHA CARREIRA»

A noite mais triste da minha carreira artística foi precedida de bons auspícios e isto serve para todos os supersticiosos (há tantos, no meio teatral), que habitualmente descortinam presságios bons ou maus em cada pequena coisa. Nunca, porém, eu poderia prever a onda de violência e de crueldade que foi lançada contra mim, após a famosa representação da «Norma», no Teatro da Ópera de Roma, tão dolorosamente interrompida. Eu fui literalmente aniquilada. Os jornais de todo o Mundo dedicaram as suas primeiras páginas, com títulos enormes, e as suas crônicas mais minuciosas ao meu pobre nome. Era o momento ideal para arrastá-lo pela lama. Era a ocasião mais propícia para se vingarem desse êxito alcançado durante tantos anos. Ah! Então, esta mulher conseguira afirmar-se tão fortemente no mundo da música só com a ajuda da sua voz? Pois bem, não seria divertido esmagá-la para sempre, agora que ela não tinha voz para se fazer ouvir e defender? Não seria tão espiútooso dar-lhe o golpe de misericórdia, como se faz a um ser nocivo, já ferido de morte? Eu não me insurto contra os jornalistas, que cumprem, como melhor podem, um dever que exige frequentemente dureza. Também não estou irritada com esse grupo de rapazes e raparigas que, durante dois dias, estacionou diante do hotel de Roma, onde eu estava hospedada, assobiando e ofendendo, não uma artista que tinha cantado mal (na verdade, eu preferi interromper o espectáculo do que cantar mal), mas uma mulher doente. Não, eu estou sobretudo irritada comigo mesma, porque me apouquei infinitamente com tudo isto, porque ainda não aprendi que os outros preferem à arte o artifício e à sinceridade a astúcia. A culpa é minha porque sempre me obstinei — e obstinar-me-ei, com a ajuda de Deus — a considerar o teatro musical, não apenas como um mistério, mas como uma arte digna do mais alto respeito, e como razão de ser da minha vida.

(Continua na pág. 30)

O soprano não quis falar sobre o seu marido, o comendador Giovanni Meneghini, um vivo e riço genovês, sempre de ar feliz a compor-lhe o rosto redondo. Ao olhar a sua delibada esposa, fá-lo sempre embebedadamente. Sabe que Maria Callas é a sua obra. Ela tinha a voz mais bela que deu-lhe o triunfo e o seu destino de cantora. E Meneghini não é pois apenas o marido de Maria Callas — quase podemos afirmar, que é o seu autor. E a ele se deve o êxito de espantosa celebridade da mais que famosa cantora



Enfim, Lisboa! Foram estas as palavras de Maria Callas, ao pisar terra portuguesa. No aeroporto, a hipernarvosa prima-dona teve uma recepção condigna: jornalistas, homens da rádio e da televisão, muitos populares e este sol de maravilha que parece remooçar a velha Lisboa todas as manhãs, e tornar mais belos os sorrisos das mulheres. E Maria Callas sorriu. O famoso soprano que tem feito correr rios de tinta na imprensa internacional, não parece o tal «diabo» de que se falou nos jornais italianos. Elegantíssima, talvez um pouco alta de mais para mulher, é o tipo grego definido: enormes olhos azuis, boca rasgada, dentes correctos e alvissimos. O nariz é que fosse a esse classicismo é um pouco pronunciado em demasia e parece afilar-se terrivelmente, quando Maria Callas manifesta o seu mau humor. Enfim, Lisboa! E

Lisboa, enfim, pôde ver Maria Callas que fora precedida dum a intensa publicidade, através da qual se relataram as mais incoonebíveis atitudes. Afinal, desceu do avião, sorriu para todos, sempre acompanhada pelo marido e por um cão em miniatura que dá pelo nome de Toy, foi para o hotel e depois, à noite, ao ensaio em São Carlos como qualquer cantora disciplinada. Uma das poucas afirmações diferentes das que fizera já: «Estou encantada com o Teatro de São Carlos e por poder cantar para o público português». EM BAIXO, NAS DUAS ÚLTIMAS FOTOS: Maria Callas com o director do S. Carlos



O camarim do Teatro de S. Carlos, destinado a Maria Callas, foi decorado propositadamente com um gosto requintado, para lhe permitir ambiente confortável. Um espelho de estilo e flores, muitas flores. Ali poucas pessoas têm acesso: o marido, o maestro Donatti, o sr. dr. José Duarte de Figueiredo, director do teatro, e a costureira que a ajuda a vestir. Mas Maria Callas foi amável: pôs-se para a nossa repórter fotográfica e ofereceu-nos alguns sorrisos. De entre os seus compositores preferidos, a Callas põe em relevo o nome de Verdi, que classifica de «monstro sagrado» da ópera. Amiga íntima de Elsa Maxwell, afirma que a terrível jornalista americana é a única que consegue dar ao público europeu e americano uma ideia exacta da sua personalidade, como artista e como mulher. A DIREITA: Nos corredores do Teatro de S. Carlos, o soprano e o repórter do nosso jornal, em amena conversa

